

# A TERCEIRA PORTA

**COMO AS PESSOAS  
MAIS BEM-SUCEDIDAS  
DO MUNDO DESLANCHAM  
SUAS CARREIRAS**

**ALEX BANAYAN**



**ALTA BOOKS**  
E D I T O R A  
Rio de Janeiro, 2019

## SUMÁRIO

### PASSO 1

#### SAIA DA FILA

1	Olhando para o Teto	5
2	O Preço Certo	12
3	O Depósito	23

### PASSO 2

#### À PROCURA DE UM BECO

4	O Jogo de Spielberg	33
5	Agachado no Banheiro	42
6	O Tempo de Qi	52
7	O Reservatório Oculto	59

### PASSO 3

#### ENCONTRE SEU INFILTRADO

8	O Mentor dos Sonhos	69
9	As Regras	76

10	Aventuras Só Acontecem com Aventureiros	85
11	Um Passo Maior do que a Perna	91
12	É Assim que se Fazem Negócios	96
13	Vida Exponencial	100
14	A Lista a Ser Evitada	107
15	Você Não Pode Surpreender a Amazon Sendo a Amazon	116
16	Ninguém Nunca Pede	124
17	Tudo É Cinzento	132

#### PASSO 4

### CAMINHANDO NA LAMA

18	Aleluia!	141
19	Vovô Warren	147
20	O Motel 6	153
21	Beijando Sapos	165
22	A Reunião de Acionistas	171
23	SR. KINGGG!	185
24	A Última Bala	194

#### PASSO 5

### VÁ PELA TERCEIRA PORTA

25	O Santo Graal: Parte I	203
26	O Santo Graal: Parte II	210
27	A Terceira Porta	220
28	Redefinindo o Sucesso	227
29	Sendo um Estagiário	232
30	A Colisão	238
31	Transformando as Trevas em Luz	243

32	Sentando-se com a Morte	251
33	O Impostor	259
34	O Maior Presente	269
35	Entrando no Jogo	276
 <b>AGRADECIMENTOS</b>		 <b>289</b>
 <b>SOBRE O AUTOR</b>		 <b>301</b>

**PASSO 1**

**SAIA DA FILA**

Vida, negócios, sucesso... são como uma boate.

Há sempre três maneiras de entrar.

Pela Primeira Porta: a entrada principal, aquela em que a fila, formada por 99% das pessoas que esperam para entrar, dá a volta na esquina.

Pela Segunda Porta: a entrada VIP, reservada para o ingresso exclusivo de bilionários, celebridades e pessoas bem nascidas.

Mas, o que ninguém lhe diz, é que há sempre, sempre... a Terceira Porta. É a entrada que exige que você fuja da fila, vá pelos fundos, bata na porta uma centena de vezes, force a janela, se esgueire pela cozinha — tem sempre um jeito.

Quer tenha sido o modo como Bill Gates vendeu seu primeiro software ou como Steven Spielberg se tornou o mais jovem diretor de estúdio da história de Hollywood, todos eles escolheram... a Terceira Porta.

## CAPÍTULO UM

### Olhando para o Teto

**P**or aqui...”  
Atravessei o piso de mármore e entrei em uma sala com janelas reluzentes que iam do chão ao teto. Veleiros singravam mar adentro, ondas desfaziam-se suavemente na praia, e a luz do sol da tarde ricocheteava em uma marina e enchia o saguão com um brilho celestial. Segui uma assistente por um corredor. O escritório tinha sofás com as almofadas mais luxuosas que já vi. As colheres de café brilhavam de um jeito que eu nunca tinha visto antes. A mesa da sala de reuniões parecia ter sido esculpida pelo próprio Michelangelo. Entramos em um longo corredor ladeado por centenas de livros.

“Ele leu todos”, disse ela.

Macroeconomia. Ciência da computação. Inteligência artificial. Erradicação da poliomielite. A assistente pegou um livro sobre reciclagem de excrementos e o colocou em minhas mãos. Eu folheei o livro com as palmas das mãos suadas. Em quase todas as páginas havia trechos sublinhados e destacados com rabiscos nas margens.

Não pude deixar de sorrir — os rabiscos tinham a caligrafia de um aluno da quinta série.

Continuamos pelo corredor até a assistente me pedir para ficar onde eu estava. Fiquei ali parado, imóvel, olhando para uma porta de vidro fosco. Tive que me segurar para não tocá-la e sentir o quão espessa era. Enquanto esperava, pensei em todas as coisas que haviam me levado até lá — o cachecol vermelho, o banheiro em São Francisco, o sapato em Omaha, a barata no Motel 6, o —

E, então, a porta se abriu.

“Alex, Bill está esperando você.”

Ele estava bem na minha frente, cabelo despenteado, camisa folgada, dando uns goles em uma lata de Coca-Cola Diet. Esperei que algo saísse da minha boca, mas nada aconteceu.

“Olá”, disse Bill Gates, seu sorriso levantando as sobrancelhas. “Entre...”

### TRÊS ANOS ANTES, EM MEU DORMITÓRIO DE CALOURO

Eu virava e revirava na cama. Uma pilha de livros de biologia estava lá, em cima da mesa, encarando-me fixamente. Eu sabia que deveria estudar, mas quanto mais olhava para os livros, mais queria me enfiar nas cobertas.

Virei-me para o outro lado. Um pôster da Universidade do Sul da Califórnia estava pendurado no alto da parede. Quando o coloquei ali, as cores eram tão vibrantes! Agora ele parecia se mesclar com a parede.

Fiquei de costas e olhei para o teto branco e silencioso.

*Mas que droga! O que há de errado comigo?*

Desde que consigo me lembrar, o plano era que eu fosse médico. Isso é o que acontece quando você é filho de imigrantes judeus persas. Eu praticamente saí do útero com um “Dr” estampado na minha testa. Na terceira série, ia de jaleco para a escola no Halloween. Eu era “aquele garoto”.



Nunca fui a criança mais esperta da escola, mas eu era consistente. Tipo, eu consistentemente tirava um conceito B menos e lia resumos e comentários sobre textos literários. Para compensar minha falta de inteligência, sempre tive senso de direção. No colegial, “fazia a coisa certa” — ser voluntário em um hospital, assistir aulas extras de ciências, ficar obcecado com os testes educacionais. Mas estava ocupado demais tentando sobreviver para parar e pensar quem de fato representava tudo aquilo. Quando comecei a faculdade, não imaginava que, um mês depois, estivesse apertando o botão de soneca do despertador quatro ou cinco vezes toda manhã, não porque estivesse cansado, mas porque estava entediado. No entanto, continuei arrastando a mim mesmo para a aula de qualquer maneira, cumprindo os programas preparatórios de medicina, sentindo-me como uma ovelha seguindo o rebanho.

E lá estava eu: deitado na minha cama, olhando para o teto. Fui para a faculdade procurando respostas, mas tudo o que consegui foram mais perguntas. *Em que estou realmente interessado? O que quero fazer de verdade? O que quero da vida?*

Virei para o outro lado novamente. Os livros de biologia eram como dementadores, sugando a vida de mim. Quanto mais temia abri-los, mais eu pensava em meus pais — correndo pelo aeroporto de Teerã, vindo para os Estados Unidos como refugiados, sacrificando tudo para me dar uma educação.

Quando fui aprovado na USC, minha mãe disse que eu não poderia estudar lá porque não podia pagar a faculdade. Embora minha família não fosse pobre e eu tivesse crescido em Beverly Hills, como muitas famílias, nós vivíamos uma vida dupla. Morávamos em um bairro agradável, mas meus pais tiveram que fazer uma segunda hipoteca para pagar as contas. Saíamos de férias, mas houve ocasiões em que eu via avisos na nossa porta dizendo que o gás seria cortado. A única razão que fez minha mãe me permitir frequentar a USC foi porque, no dia anterior ao fim do prazo da matrícula, meu pai passou a noite toda conversando com minha mãe, com lágrimas nos olhos, dizendo que faria o que fosse necessário para pagar as contas.

E era assim que eu retribuía? Deitado na cama, enfiado debaixo das cobertas?

Olhei para o outro lado do quarto. Meu colega, Ricky, em uma pequena escrivaninha de madeira, fazia seu dever de casa, cuspido números como uma máquina de contabilidade. O rangido do lápis dele soava para mim como zombaria. Ele tinha um caminho. Eu queria ter um também. Tudo que eu tinha era um teto que não falava comigo.

Então pensei no cara que tinha conhecido no fim de semana anterior. Ele havia se formado em matemática na USC um ano antes. O rapaz vivia sentado em uma mesa como Ricky, cuspido números como ele, e agora estava servindo sorvetes a poucos quilômetros do campus. Eu estava começando a perceber que um diploma universitário já não garantia muita coisa.

Olhei de novo para os livros. *Estudar é a última coisa que quero fazer.*

*Virei-me de costas. Mas meus pais sacrificaram tudo para que estudasse fosse tudo que eu precisava fazer.*

O teto permanecia mudo.

Virei e mergulhei de cabeça no travesseiro.



MEIO QUE ME ARRASTANDO, fui para a biblioteca na manhã seguinte, com os livros de biologia debaixo do braço. Porém, por mais que eu tentasse estudar, minha bateria interna continuava esgotada. Eu precisava de um empurrãozinho, algo para me inspirar. Então, empurrei a cadeira das mesas de estudo, caminhei até os corredores da seção de biografias e peguei um livro sobre Bill Gates. Eu achava que ler sobre alguém tão bem-sucedido quanto Gates poderia despertar algo dentro de mim. E isso aconteceu — mas não como eu esperava.

Ali estava um sujeito que começou sua empresa quando tinha minha idade, transformou-a na corporação mais valiosa do mundo, revolucionou uma indústria, tornou-se o homem mais rico vivo e, em seguida, abandonou o cargo de CEO da Microsoft para se tornar o filantropo mais generoso da face da Terra. Pensar sobre o que Bill Gates realizou era como estar no sopé do Monte Everest e olhar para

o pico. Só conseguia pensar em: *como ele deu seus primeiros passos para escalar a montanha?*

Antes que me desse conta, estava folheando as biografias de uma pessoa bem-sucedida após a outra. Steven Spielberg escalou o Monte Everest da direção cinematográfica; como ele fez isso? Como uma criança que foi rejeitada na escola de cinema se tornou o diretor de estúdio mais jovem da história de Hollywood? Como Lady Gaga, que aos 19 anos de idade era garçõete em Nova York, conseguiu seu primeiro contrato com uma gravadora?

Voltei diversas vezes para a biblioteca, procurando por um livro que contivesse essas respostas. Mas, após algumas semanas, nada encontrei. Não havia um único livro cujo foco estivesse no estágio da vida em que eu estava. Quando ninguém sabia os nomes deles, quando ninguém participava das reuniões deles, como essas pessoas encontraram uma maneira de iniciar suas carreiras? Foi quando estalou meu ingênuo pensamento de 18 anos de idade: *Bem, se ninguém escreveu o livro que estou sonhando em ler ainda, por que não escrevê-lo eu mesmo?*

Foi uma ideia tola. Eu não conseguia nem escrever um trabalho sem que metade da página acabasse voltando corrigida. Decidi não fazer isso.

No entanto, com o passar dos dias, a ideia insistia em ficar. O que havia despertado meu interesse não foi escrever um livro, mas embarcar em uma “missão” — uma jornada para descobrir aquelas respostas. Imaginei que, se pudesse falar com Bill Gates eu mesmo, ele tinha que ter o Santo Graal dos conselhos.

Contei a ideia a meus amigos e descobri que não era o único que ficava olhando para o teto. Eles também ansiavam por respostas. *E se eu assumir essa missão em nome de todos nós?* Por que não telefonar para Bill Gates, entrevistá-lo, encontrar alguns outros ícones, colocar o que eu descobrir em um livro e compartilhá-lo com a minha geração?

A parte difícil, imaginei, seria pagar por isso. Viajar para entrevistar todas essas pessoas custaria dinheiro, algo que eu não tinha. As mensalidades consumiam meus recursos e eu já não tinha mais nada do dinheiro do Bar Mitzvah. Tinha que haver outro jeito.



DUAS NOITES ANTES DAS PROVAS finais do semestre, eu estava voltando à biblioteca quando parei um pouco para olhar o Facebook. Foi quando vi o post de um amigo sobre ingressos gratuitos para O Preço Certo [*The Price is Right*, originalmente]. O game show estava sendo filmado a alguns quilômetros do campus. Era um daqueles programas que eu assistia criança, quando não ia à escola por estar doente. Pessoas da plateia seriam convidadas a concorrer, receberiam um prêmio, e venceriam as que chegassem mais próximo de adivinhar o preço real de um determinado produto. Eu nunca havia assistido um episódio completo antes, mas quão difícil poderia ser?

*E se... e se eu fosse lá para ganhar algum dinheiro para a missão?*

Mas que absurdo! O show seria gravado na manhã seguinte. Eu tinha que estudar para as provas finais. O pensamento, contudo, continuou se infiltrando em minha mente. Para provar a mim mesmo que era uma ideia horrível, abri meu caderno e escrevi uma lista dos melhores e piores cenários possíveis.

### **PIOR CENÁRIO**

1. Ir mal no exame
2. Acabar com as chances de entrar na Faculdade de Medicina
3. Mamãe me odiaria
4. Não... Ela me mataria
5. Eu ia parecer gordo na TV
6. Todo mundo riria de mim
7. Não conseguiria nem mesmo participar do programa

### **MELHOR CENÁRIO**

1. Ganhar bastante dinheiro para financiar a missão

Pesquisei online para calcular as chances de ganhar. De trezentas pessoas na plateia, uma vence. Usei meu celular para fazer as contas: uma chance de 0,3%.

Veja, é por isso que eu não gostava de matemática.

Olhei para os 0,3% no meu celular, depois para a pilha de livros de biologia na minha mesa. Mas tudo que eu conseguia pensar era: *E se...?* Era como se alguém tivesse amarrado uma corda ao redor da minha barriga e estivesse puxando-a lentamente.

Decidi fazer o óbvio e estudar.

Mas não estudei para os exames. Estudei como desvendar *O Preço Certo*.

## O Preço Certo

Quem já viu *O Preço Certo* por pelo menos 30 segundos e ouviu o locutor dizer “VEM AQUI PRA BAIXO!” sabe que os participantes estão vestidos de cores vivas e têm personalidades exuberantes que enchem a tela da televisão. O programa faz parecer que os participantes são escolhidos aleatoriamente na plateia — mas, por volta das 4h da manhã, como descobri quando digitei no Google “como participar de *O Preço Certo*”, a escolha está longe de ser por acaso. Um produtor entrevista cada pessoa do público e escolhe os mais “extrovertidos”. Se o entrevistador gosta de você, inclui seu nome em uma lista que é dada a um produtor disfarçado que observa você de longe. Se ele colocar um xis em seu nome, você é chamado para subir no palco. Não foi sorte: havia um sistema.

Na manhã seguinte, abri meu armário e vesti minha camisa vermelha mais berrante, uma jaqueta grande e fofa e óculos de sol amarelo neon. Eu praticamente parecia um tucano gordinho. *Perfeito*. Fui de carro até o estúdio da CBS, entrei no estacionamento e me aproxi-

mei da recepção. Como eu não sabia quem era o produtor disfarçado, presumi que poderia ser qualquer um. Abracei seguranças, dancei com zeladores, flertei com senhoras idosas — dancei breakdance, e não sei dançar breakdance.

Entrei em uma fila com os outros membros da plateia em um labirinto de grades do lado de fora das portas do estúdio. A fila avançou, até que finalmente chegou minha vez de ser entrevistado. *Ali está o meu cara*. Passei horas pesquisando o sujeito na noite anterior. Seu nome era Stan e ele era o produtor encarregado de escalar os concorrentes. Eu sabia de onde ele era, qual a escola em que estudara — e que dependia de uma prancheta que nunca estava em suas mãos, mas nas de sua assistente, sentada em uma cadeira atrás dele. Quando Stan selecionava um concorrente, virava-se para ela, piscava, e ela anotava o nome.

Um porteiro fez sinal para que dez de nós avançássemos. Stan estava a três metros de distância, andando de uma pessoa para outra. “Qual é seu nome? De onde você é? O que você faz?” Havia um ritmo em seus movimentos. Oficialmente, Stan era produtor; mas, aos meus olhos, ele era o segurança. Se eu não colocasse meu nome na prancheta dele, não entraria no programa. E agora o segurança estava bem na minha frente.

“Oi, meu nome é Alex, sou de Los Angeles e sou aluno da USC!”

“USC? Você provavelmente está sempre estudando. Como você tem tempo para assistir a *O Preço Certo*?”

“O... quê? Ora! É onde estou?”

Ele nem mesmo sorriu de dó.

Eu precisava me redimir. Em um dos livros de negócios que havia lido, o autor dizia que o contato físico acelera o relacionamento. Tive uma ideia.

Eu precisava sensibilizar o Stan.

“Stan, Stan, vem até aqui! Quero fazer um cumprimento secreto com você!”

Ele revirou os olhos.

“Stan! Vem cá!”

Ele veio e nos demos tapas nas mãos. “Cara, você está fazendo tudo errado”, eu disse. “Quantos anos você tem?”

Stan riu e lhe mostrei como a moçada se cumprimentava. Ele riu mais um pouco, desejou-me sorte e foi embora. E não piscou para a assistente. Ela não escreveu nada na prancheta. E foi isso, acabou.

Esse foi um daqueles momentos em que você vê seu sonho bem ali à sua frente, quase pode tocá-lo e, em seguida, de repente, ele simplesmente se desvanece no nada. E a pior parte é que você sabe que poderia agarrá-lo se tivesse outra chance. Não sei o que deu em mim, mas comecei a gritar a plenos pulmões.

“STAN! STAAAAN!”

Todo mundo se virou para observar a cena.

“STAAAAAAAAN! Volte aqui!”

Stan veio correndo e balançou a cabeça lentamente, dando-me aquele olhar “ah, garoto, o que foi agora?”

“Ahn... ahn...”

Examinei-o de alto a baixo: ele usava uma blusa preta de gola rolê, calça jeans e um cachecol vermelho liso. Eu não sabia o que dizer.

“Ahn... ahn... SEU CACHECOL!”

Ele apertou os olhos. Agora eu *realmente* não sabia o que dizer.

Respirei fundo, olhei para ele com toda a intensidade que pude reunir, e disse: “STAN, SOU UM ÁVIDO COLECIONADOR DE CACHECÓIS, TENHO 362 DELES NO MEU QUARTO, E SINTO A FALTA DESSE! ONDE VOCÊ O CONSEGUIU?”

A tensão se desfez e Stan começou a rir. Era como se ele soubesse o que eu estava realmente fazendo, e ele estava rindo nem tanto por aquilo que eu dissera, mas do porquê eu dissera.

“Bem, nesse caso, você pode ficar com meu cachecol!”, ele brincou, tirando-o e oferecendo-o para mim.

“Não, não, não”, eu disse. “Eu só queria saber onde você o conseguiu!”

Ele deu um sorriso e virou-se para a assistente. Ela rabiscou algo na prancheta.



---

PAREI DO LADO DE FORA DAS PORTAS do estúdio e esperei que elas se abrissem. Uma jovem passou e notei que ela estava olhando em volta, para os crachás das pessoas. Um distintivo laminado aparecia no bolso de trás dela. Ela tinha que ser o produtor disfarçado.

Quando nossos olhares se cruzaram, fiz algumas caretas e lhe soprei alguns beijos. Ela começou a rir. Então fiz o movimento de dança de sprinkler dos anos 1980 e ela riu mais ainda. Ela olhou para o meu crachá, tirou uma folha de papel do bolso e fez uma anotação.

Eu devia estar me sentindo no topo do mundo, mas foi aí que percebi que passei a noite inteira tentando entender como entrar no programa — mas ainda não sabia como jogar. Peguei meu celular e pesquisei “como jogar *O Preço Certo*”. Trinta segundos depois, um segurança tirou o celular da minha mão.

Olhei em volta e vi que a segurança do evento estava recolhendo o celular de todos. Depois de passar por detectores de metal, sentei-me em um banco. Sem o celular, me senti desarmado. Uma mulher já idosa e grisalha sentada a meu lado perguntou o que estava errado.

“Sei que isso parece loucura”, disse a ela, “mas tive a ideia de vir aqui e ganhar algum dinheiro para financiar meu sonho, mas nunca vi um episódio completo do programa antes, e agora eles levaram meu celular, então não tenho como descobrir como o programa funciona e...”

“Ora, querido”, disse ela, beliscando minha bochecha. “Assisto a esse programa há 40 anos.”

Pedi a ela que me aconselhasse.

“Meu querido, você me lembra o meu neto.”

Ela se inclinou e sussurrou: “Sempre dê um lance menor do que o outro”. Ela explicou que, se você der lances maiores, por até mesmo um dólar, você perde. Se você oferecer lances menores do que \$10.000, você ainda tem uma chance. Enquanto ela continuava, senti como se estivesse baixando décadas de experiência em minha cabeça. Foi quando a lâmpada se apagou.

Agradei, virei para o sujeito à minha esquerda e disse: “Ei, meu nome é Alex, tenho 18 anos e nunca vi um episódio completo do programa antes. Você tem algum conselho?” Então me virei para outra pessoa. Então para um grupo de pessoas. Pulei em meio à multidão e falei com quase metade da plateia, compartilhando de sua sabedoria.

As portas do estúdio finalmente se abriram. Entrei e o lugar cheirava a anos 1970. Cortinas turquesas e amarelas fluíam pelas paredes. Luzes douradas e verdes dançavam entre elas. Pinturas de flores psicodélicas decoravam a parede do fundo. Faltava somente uma bola de discoteca.

A música tema começou a tocar e eu me sentei. Enfiei minha jaqueta e óculos escuros embaixo da cadeira. Que se dane o tucano — era hora do jogo.

Se houvesse algum tempo para orar, era agora. Abaixei a cabeça, fechei os olhos e coloquei uma das mãos no rosto. Então ouvi uma voz profunda e retumbante vinda do alto. Cada sílaba era alongada. A voz ficou mais e mais alta. Mas não era Deus. Era o Deus da TV.

**“E AGOOOORA, DO ESTÚDIO BOB BARKER DA CBS EM HOLLYWOOD, O PREÇO CERTO!... E COM VOCÊÊÊÊS NOSSO APRESENTADOR, DREW CAREY!”**

O Deus da TV chamou os primeiros quatro participantes. Não fui o primeiro, o segundo nem o terceiro, mas, no quarto, senti que seria eu. Me movi para a frente na minha cadeira e... nada.

Os quatro competidores ficaram de pé em pódios. Uma mulher que usava jeans da mamãe ganhou a rodada de abertura. Ela avançou para uma rodada bônus. Com quatro minutos depois do programa, um quinto participante foi chamado para ocupar o pódio vago da Mamãe Jeans.

**“ALEX BANAYAN, VEM AQUI PRA BAIXO!”**

Pulei do meu assento e a multidão explodiu junto comigo. Enquanto eu descia as escadas agradecendo, parecia que a plateia era minha família e todos os meus primos conheciam a piada — eles sabiam que eu não tinha ideia do que estava fazendo e estavam adoran-

do cada segundo daquilo. Cheguei ao meu pódio sem um segundo para respirar e Drew Carey disse: “Próximo prêmio, por favor.”

**“UMA CADEIRA DE COURO CONTEMPORÂNEA E UM BANQUINHO ESTILO OTOMANO!”**

“Vá em frente, Alex.”

*Lance baixo. Lance baixo.*

“600!”

A plateia riu e os outros competidores deram o próximo lance. O preço real de varejo: \$1.661. A vencedora foi uma jovem que pulou e gritou. Quase todo mundo que já esteve em um bar de um campus universitário já viu alguém como ela: a Garota Uau. Ela é a única batendo com força os copinhos de tequila na mesa e gritando “UAAAAAU!” depois de cada um.

A Garota Uau jogou sua rodada bônus e, então, chegou a hora da próxima rodada.

**“UMA MESA DE BILHAR!”**

*Meus primos têm uma mesa de sinuca. Quanto será que custa?*

“800 dólares!”, eu disse.

Os outros competidores deram lances cada vez mais altos. Drew revelou o preço de varejo: \$1.100. Os outros competidores a haviam supervalorizado.

“Alex!”, Drew disse. “Venha até aqui!”

Eu corri até o palco. Drew olhou para o logotipo da USC na minha camiseta vermelha. “Prazer em conhecê-lo”, disse ele. “Você frequenta a USC? O que você estuda lá?”

“Administração”, eu disse sem pensar. Era meia verdade: eu também estava estudando administração. Mas por que escolhi não mencionar medicina quando estava aparecendo em uma rede nacional de televisão? Talvez eu me conhecesse mais profundamente do que queria admitir. Não tive, porém, tempo para perceber, porque o Deus da TV estava pronto para revelar o prêmio para minha rodada bônus.

**“UMA BANHEIRA DE HIDROMASSAGEM!”**

Aquilo tinha luzes de LED, uma cascata e espaço para seis. Para um calouro da faculdade, isso era ouro. Como se encaixaria no meu dormitório? Eu não fazia ideia.

Mostraram-me oito preços. Se eu escolhesse corretamente, a banheira era minha. Imaginei que valesse \$4.912. O preço real de varejo: \$9.878.

“Alex, pelo menos você ganhou uma mesa de sinuca”, disse Drew. Ele olhou para a câmera. “Não vá embora. Nós vamos girar a roda!”

O programa foi interrompido para o intervalo comercial. Os assistentes de produção levaram uma roda de mais de quatro metros para o palco, que parecia uma gigantesca máquina caça-níqueis coberta de purpurina e luzes piscantes.

“Oi, com licença”, eu disse, virando-me para um dos assistentes. “Desculpe, pergunta rápida. Quem gira a roda?”

“Quem gira? *Você* gira.”

Ele explicou que os três de nós que ganhamos rodadas de abertura girariam a roda. Havia 20 números: cada múltiplo de cinco, até cem. Quem conseguisse o maior número passaria para a rodada final. Se alguém pontuasse cem, ganharia um prêmio extra em dinheiro.

A música tema começou e corri para minha posição entre a Mamãe Jeans e a Garota Uau. Drew Carey se aproximou e apanhou o microfone.

“Estamos de volta!”

A Mamãe Jeans foi a primeira. Ela deu um passo à frente, agarrou a roda e... TICK, TICK, TICK... 80. A plateia urrou de alegria e até eu sabia que era um giro inacreditável.

Eu me aproximei, segurei a alça da roda e puxei-a para baixo... TICK, TICK, TICK, TICK... 85! A multidão explodiu e a comoção foi tão alta que poderia muito bem ter sacudido o teto. A Garota Uau deu um passo à frente, a roda girou e... 55. Eu estava prestes a comemorar, mas notei que o público estava quieto. Drew Carey estava dando a ela outra chance de girar. Entendi que era como no blackjack [ou “21”]. Ela poderia girar de novo, e, se seus números somados dessem um to-

tal maior do que o meu, sem ultrapassar cem, ela venceria. Ela girou mais uma vez e... mais 55.

“Alex!”, exclamou Drew. “Você está a caminho do Showcase! Mais *O Preço Certo* daqui a pouco.”



FUI LEVADO PARA UM LADO do palco enquanto um novo lote de candidatos lutava para determinar quem iria contra mim na rodada final. Vinte minutos depois, descobri. O nome dela era Tanisha e ela dominou a competição, segura de si, como se tivesse passado a vida toda em turnês pelos hipermercados do país estudando preços. Ela ganhou um conjunto de malas de \$1.000, uma viagem de \$10.000 para o Japão e, na Roda, conseguiu um cem. Enfrentar Tanisha parecia Davi enfrentando Golias, com o agravante de que Davi tinha esquecido de levar o estilingue.

Durante o intervalo comercial antes da rodada final, percebi que nunca tinha assistido ao programa por tanto tempo. Além disso, ninguém na plateia me deu dicas sobre essa parte, porque ninguém achou que eu chegaria tão longe.

Tanisha passou por mim. Estendi o braço para apertar sua mão.

“Boa sorte”, eu disse.

Ela me olhou de cima a baixo. “É, você vai precisar.”

Ela estava certa. Eu precisava de uma ajuda rápida, então fui até Drew Carey, efusivamente, dizendo: “Drew! Adorei você em *Whose Line Is It Anyway!*” [um programa humorístico de TV]. Dei-lhe um abraço e ele se afastou, me dando um tapinha desajeitado com um braço só.

“Drew, será que você pode me explicar como o ShowRoom Showdown funciona?”

“Antes de mais nada”, disse ele, “é *Showcase Showdown*.”

Ele explicou do jeito que alguém conversaria com uma criança do jardim de infância, e, antes que me desse conta, a música tema começou de novo. Corri para o meu pódio. Seis câmeras do tamanho de

metralhadoras apontadas para meu rosto. Luzes brancas ofuscantes vindas de cima. À minha esquerda, Tanisha estava dançando. *Mas que droga, ainda tenho que ir à biblioteca hoje à noite para estudar.* À minha direita, Drew Carey se adiantou e ajustou a gravata. Ai, meu Deus, mamãe vai me matar. A música subiu de tom. Avistei a velhinha que tinha beliscado minha bochecha. *Concentre-se, Alex, foco.*

“Estamos de volta!”, Drew disse. “Estou aqui com Alex e Tanisha. Lá vamos nós! Boa sorte.”

**“VOCÊ ENTRARÁ EM UMA MONTANHA-RUSSA PARA UMA CORRIDA DE AÇÃO E AVENTURA! PARA COMEÇAR, UMA VIAGEM AO PARQUE MAGIC MOUNTAIN, NA CALIFÓRNIA!”**

Com todo esse estímulo, nem ouvi o resto dos detalhes. *Quanto custaria um ingresso para um parque temático? Uns \$50?* O que eu não tinha ouvido era que se tratava de um pacote VIP, com limousine, ingressos para a primeira fila e todas as refeições incluídas — para dois.

Para o segundo prêmio, tudo que ouvi foi “Blá, blá, blá, uma viagem para a Flórida!” Eu nunca tinha comprado uma passagem de avião antes. *Quanto é isso? Uns \$100? Não... \$200?* Mais uma vez, não havia escutado que também incluía um carro alugado e uma estadia de cinco noites em um hotel de primeira classe.

**“E MAIS, VOCÊ SE SENTIRÁ COMO UMA PLUMA EM UMA EXPERIÊNCIA DE GRAVIDADE ZERO!”**

Parecia um verdadeiro carnaval. *Quanto isso poderia custar? Outros cem?* Mais tarde, descobri que é assim que a NASA treina astronautas. Quinze minutos em gravidade zero custam \$5.000.

**“E, POR FIM... UMA AVENTURA EM ALTO MAR A BORDO DESTE ESPLÊNDIDO VELEIRO NOVINHO EM FOLHA!”**

As portas se abriram, uma supermodelo acenou com os braços e lá estava: um magnífico veleiro branco-pérola. Quando finalmente me acalmei e olhei mais de perto, o barco parecia relativamente pequeno. *Quatro, não, cinco mil dólares no máximo?* Mais uma vez, o que eu não ouvi foi que era um barco Catalina Mark II de mais de cinco metros e com um trailer e uma cabine dentro.